

templo coroad de eterna luz e de eterna harmonia para abrigá-los? — exclamou ainda outro.

Iniciou-se extenso movimento de comentários, em torno das três opiniões recebidas, e, quando os conselheiros levaram os pareceres ao grande rei, ele esclareceu paternalmente:

— Aproveitaremos as três sugestões a um só tempo. Considerando que os príncipes necessitam crescer, adquirindo valor próprio, edificaremos para eles uma grande escola, que tenha a beleza dum paraíso, a delicadeza dum jardim e a sublimidade dum templo, na qual encontrem recursos para o aprendizado e para o trabalho, conquistando, por si mesmos, a sabedoria e a glorificação.

Os conselheiros sentiram-se muito felizes com a determinação e retiraram-se satisfeitos.

— /// —



IV

A Grande Escola

O rei ordenou a edificação de um mundo maravilhoso, num dos recantos do seu império infinito. Seria esse mundo a grande escola dos pequenos príncipes necessitados de educação.

Turmas enormes de obreiros atacaram os serviços.

Atendendo aos seus conselheiros esclarecidos e benevolentes, o soberano autorizou a organização de mares e florestas, cheios de beleza e perfume, à maneira de lagos divinos e jardins de perpétua formosura; recomendou que muitas luzes glorioas dos seus altos domínios permanecessem à mostra e que doces harmonias vibrassem nos ares, de modo que os filhos se sentissem, na escola, tão jubilosos e felizes como se vivessem num paraíso ou num templo.

Entretanto, para que os jovens não se esquecessem da necessidade de serviço e estudo, mandou que muitas flores tivessem espinhos; que a tempestade retivesse permissão para lavar, de vez em quando, os horizontes azuis; que as águas nem sempre se mantivessem tranquilas. E para que os filhos nunca perdessem de vista o caminho de retorno ao seu augusto amor, deu-lhes a luz dos olhos e do raciocínio como inseparável companheira de realização.

Foi então criada a enorme escola, sob as vistas do grande rei, com a cooperação ativa de inúmeros servidores. Organizadas, porém, as bases da volumosa edificação, era necessário instalar os pormenores do trabalho, de acordo com as necessidades dos aprendizes.

— // —



V

No intervalo

HESSE ponto da história, o narrador começou a tossir.

Cipião parecia tão cansado!... Os meninos sabiam que ele fazia longas peregrinações. O velhinho, porém, era forte e, embora os achaques da idade, nunca perdia o sorriso bom.

Observando que a interrupção se tornava mais longa. Ninita, uma das meninas maiores do grupo, aproximou-se dele e perguntou, carinhosa:

— O senhor tem fome, vovô?

— Não, minha filha — disse o velho, confortado.

— Tem sede?

— Também não.

Os meninos, contudo, não mostravam maneiras tão distintas.

Um deles ergueu a voz e indagou, menos respeitoso: